

TEATRO DO MUNDO | 11

**O Estranho e
o Estrangeiro no
Teatro**

**Strangeness and
the Stranger in
Drama**

Ficha Técnica

Título: O Estranho e o Estrangeiro no Teatro
Strangeness and the Stranger in Drama

Coleção: Teatro do Mundo

Volume: 11

ISBN: 978-989-95312-8-4

Depósito Legal: 412190/16

Edição organizada por Carla Carrondo, Cristina Marinho e Nuno Pinto Ribeiro

Comissão científica: Armando Nascimento Rosa (ESTC/IPL/CETUP), Cristina Marinho (FLUP/CETUP), Gonçalo Canto Moniz (dDARQ/CES/UC), João Mendes Ribeiro (dARQ, UC/CETUP), Jorge Croce Rivera (UÉvora), Nuno Pinto Ribeiro (FLUP7CETUP)

Capa | Foto: ©Hugo Marty, Bartabas et Sa Troupe Zingaro

On achève bien les anges - 2016

Projeto gráfico: Suellen Costa

1ª edição: julho de 2016

Tiragem: 100 exemplares

© Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico, ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado – além do uso legal com breve citação em artigos e críticas – sem prévia autorização dos autores.

<http://www.cetup2016.wix.com/cetup-pt>

PROJETO *O BALCÃO* (*THE BALCONY*)

José Carlos dos Santos Andrade
Faculdade Paulista das Artes – São Paulo

I – O espetáculo: *O BALCÃO*

A obra literária em prosa de Jean Genet (1910 – 1986) conquistou a intelectualidade francesa, principalmente Jean Cocteau e Jean-Paul Sartre, que identificaram no trabalho deste ex-presidiário um valor artístico inestimável. Igualmente importante é a sua contribuição para a dramaturgia, sendo *O BALCÃO* um dos textos mais polêmicos do poeta maldito francês, responsável por outras obras teatrais, igualmente significativas, como *As Criadas*, *Severa Vigilância*, *Os Biombos* e *Os Negros*.

Em *O BALCÃO*, peça escrita em meados da década de cinqüenta, ainda sob os ecos deixados pelas bombas da Segunda Grande Guerra, Genet constrói uma aguda metáfora, demonstrando o estado de desintegração em que se encontravam as colunas de sustentação do poder (a religião, as forças armadas, a justiça e a política) na França e, por conseguinte, em toda a Europa. Personagens alegóricos, representando cada uma dessas instituições, alienam-se da realidade voltados para os seus próprios interesses, ignorando uma insurreição que se agiganta ao redor do prostíbulo que os abriga e que, por si, é uma segunda metáfora do próprio país.

A peça, mergulhada em um caldo densamente poético, é permeada pela presença contínua de signos que nos remetem de

imediatamente ao universo artaudiano, do qual Genet recebera muitas influências.

Com o desenvolvimento da trama, enquanto as autoridades locais se divertem praticando suas fantasias sexuais, percebemos o descompromisso com o naturalismo, revelando de maneira ácida a artificialidade e a falsidade das relações sobre as quais se apoiam as abaladas estruturas sociais.

Tomando como base o texto original, observamos que Genet refere-se ao bordel de Madame Irma como uma grande sala de espelhos, onde se refletem as muitas realidades, mostrando aos olhos dos protagonistas apenas aquilo que eles realmente desejam ver, independentemente dos brados que vêm de fora, exigindo uma reformulação política radical dessas falidas convenções.

A montagem de Victor Garcia, que contou com a anuência de Genet para as alterações no texto que se fizessem necessárias, rompia ainda mais os laços naturalistas e projetava o espetáculo em um labirinto de imagens verticais, colocando os espectadores dispostos em camadas circulares de galerias. O público via-se frente a frente consigo mesmo, tendo ao centro os atores que, deslocando-se em alturas variadas, apresentavam-se como projeções desses mesmos espectadores. O efeito obtido era espantoso, provocando na platéia reações distintas que iam do absoluto fascínio à mais contundente repulsa. *O BALCAO* de Victor Garcia era um espetáculo que, depois de assistido, não permitia que um único espectador abandonasse a monumental sala de espetáculos sem ter sido tocado por esta mística manifestação, que mais se assemelhava a uma epifania.

Estudar e analisar a obra de Genet, filtrada pela óptica de Victor Garcia sob a luz da atualidade, é conferir a esta encenação um grau de magnitude que a projeta no panorama das mais representativas encenações do século XX, tal como observou Denis Bablet em seu livro *Les révolutions scéniques du XXème Siècle*.

II – O autor: Jean Genet

É bem provável que não haja no panorama do teatro contemporâneo uma figura tão polêmica como Jean Genet que, curiosamente, tinha o nome do santo padroeiro dos atores, Saint

Genet. São Genésio, em português, segundo a mitologia cristã, era um ator que se converteu sobre o palco, durante uma representação. Certamente foi esse paralelo que levou o filósofo Jean-Paul Sartre a dar o título de *Saint Genet, comédien et martyr* (São Genésio, ator e mártir) a um livro que estabelece um paralelo entre a vida e a obra do controverso literato francês.

Genet era sabidamente filho de uma prostituta e de pai desconhecido. Ainda muito cedo, em sua primeira infância, Genet foi adotado por um abastado casal da região da Borgonha, mas lá permaneceu por muito pouco tempo, indo em busca de sua própria trajetória de vida, sem se prender a nenhum tipo de convenção social estabelecida pela moral burguesa da época.

Toda a fase da juventude de Genet transcorreu em reformatórios e prisões, onde fez de sua homossexualidade um estandarte por meio do qual proclamava sua liberdade e seu descompromisso para com os padrões vigentes. Ao atingir a maioridade, Jean Genet, por opção própria, ingressou na Legião Estrangeira Francesa, tendo sido posteriormente afastado, quando veio à tona seu componente homossexual, inadmissível no regime militar europeu da época.

A obra de Genet foi sendo elaborada lenta e cuidadosamente, sem pretensão alguma de vir a se tornar um tesouro literário. Cada um de seus volumes é quase um testemunho de um período vivido, em cujas páginas realidade e fantasia se misturam saborosamente, sempre mergulhado em um oceano de turbulenta sexualidade e delicadíssima poesia.

Os muitos escândalos, roubos e conflitos protagonizados por Genet, que sempre lhe renderam longos períodos de confinamento, nunca foram motivo de vergonha ou constrangimento; pelo contrário, ele fez de cada um desses atos um gesto libertário, que lhe colocava cada vez mais na posição de um homem à frente de seu tempo. Condenações tinham para ele o mesmo peso de condecorações que ele, orgulhosamente, ostentava publicamente.

Sua vida amorosa foi marcada por uma sucessão de paixões avassaladoras e é bem provável que cada uma dessas figuras tenha se transferido para as páginas de seus livros, convertidas em

personagens santificados, que ganharam o paraíso por terem experimentado o pior do inferno.

Assim que seus primeiros trabalhos foram publicados, *Nossa Senhora das Flores* e *O Milagre da Rosa*, Genet, ainda que involuntariamente, tornou-se o centro das atenções, tendo à sua volta um círculo de admiradores que incluía nomes de peso como Jean Cocteau, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Alberto Moravia, Igor Stravinski, Pierre Boulez, além de líderes políticos de notável projeção como Georges Pompidou e François Mitterrand.

Durante os anos 60, gozando de uma celebridade que ele próprio repudiava, Genet colheu os frutos do sucesso de seus romances, peças teatrais e roteiros cinematográficos. A fama e o prestígio junto à classe intelectual nunca o influenciaram. Essa notoriedade nunca fez com que o poeta maldito, como era conhecido, viesse a se afastar da vida marginal que tanto lhe agradava, entre prostitutas, ladrões, viciados e outras categorias de excluídos sociais.

A partir dos anos 1970, até a sua morte, em 1986, Genet envolveu-se energicamente na luta pelos direitos das minorias, tais como trabalhadores imigrantes em solo francês, assim como a causa palestina na conquista por um território, indo a extremos que o levaram ao outro lado do Oceano Atlântico, tomando o partido de grupos radicais em solo norteamericano como os Panteras Negras e o Beatniks.

Genet é um dos mais fabulosos personagens de si mesmo, fundindo o real com o imaginário, transformando pessoas em personagens, sempre partindo em busca de seres vivos que se assemelhassem aos seus personagens. Sua obra, até os dias de hoje, incomoda pelo tom de irreverência e insubordinação, demonstrando total desapego e desrespeito a qualquer tipo de convenção social que prega os nobres valores de uma sociedade supostamente civilizada. Jean Genet é uma besta fera solta no meio desta selva e seus uivos podem ser ouvidos à distância, tal é a força de expressão contida em cada uma das personagens criadas por ele.

III – O diretor: *Victor Garcia*

Nascido em Tucuman, no interior da Argentina, em 1934, Victor Garcia era o único homem dentre os cinco filhos de um bem-sucedido latifundiário dos pampas. Criado entre tias, estudou pintura, teatro, dança contemporânea graças ao apoio dessas mesmas tias que nunca levaram ao conhecimento paterno essas aventuras juvenis do único herdeiro da poderosa família.

Entediado com a vida interiorana argentina, Victor Garcia veio inicialmente para o Brasil, onde trabalhou com artesanato em couro, criando peças de vestuário que em muito se assemelhavam a figurinos teatrais, para serem usados por pessoas não convencionais, em situações menos convencionais ainda. Calças, coletes e jaquetas em couro negro, repletos de tachas metálicas, argolas e correntes eram a sua marca registrada.

O dinheiro levantado por meio deste trabalho permitiu a compra de uma passagem de ida para a Europa, instalando-se em Paris. Aproximando-se das pessoas certas e nos momentos certos, valendo-se de seu humor, talento e espirotuosidade, Victor Garcia estreou em 1963 no Teatro da Sorbonne, uma inquietante versão de *Ubu Rei*, de Alfred Jarry, que em suas 12 horas de espetáculo já permitia que se visse o fabuloso talento desse jovem encenador.

Falando a mesma língua de Fernando Arrabal, identificou-se com o autor do teatro do absurdo e encenou, ainda em Paris, *Cemitério de Automóveis*, um espetáculo no qual superpunha quatro textos curtos do dramaturgo espanhol.

A ousadia da montagem era tamanha que Victor Garcia, quase que instantaneamente, tornou-se uma celebridade nos meios artísticos franceses. A encenação acontecia em um galpão adaptado, cortado por passarelas e pontuado por carcaças de velhos automóveis, por entre as quais se sentava o público, acomodado em bancos giratórios, para que pudesse acompanhar o desenrolar do espetáculo, que acontecia ocupando a totalidade do espaço em seus 360 graus.

Ruth Escobar, de passagem pela França, assistiu e se encantou com o espetáculo. Agindo impulsivamente, a produtora portuguesa, radicada no Brasil, convidou Victor Garcia para que este trouxesse a montagem para o São Paulo. Alguns meses depois,

Cemitério de Automóveis, dirigido pelo irreverente Victor Garcia, estreava nesta capital, colocando o Brasil na pauta da vanguarda teatral dos anos 70.

Da amizade com Ruth Escobar nasceu o projeto para a encenação de *O Balcão*, de Jean Genet, no qual Victor Garcia lançou-se de corpo e alma, pressentindo talvez que este seria o trabalho com o qual teria acesso à galeria dos grandes encenadores do teatro contemporâneo.

O Balcão permaneceu em cartaz dois anos e durante este período Victor Garcia viajou pelo mundo concebendo espetáculos que tinham como base a estética artaudiana, mas levavam sempre a marca registrada de sua genialidade. *Autos Sacramentais*, de Calderon de La Barca, foi apresentado nas ruínas de Persépolis. *Yerma*, de Garcia Lorca, em Madrid, e *Divina Palavras*, de Valle Inclan, no Palácio de Chaillot em Paris. Houve outras, mas essas foram, certamente, suas obras mais notáveis.

Em 1982 Victor Garcia morreu em circunstâncias não reveladas, e seu caixão, lacrado, ao ser transferido para o túmulo da família na Argentina, fez uma rápida passagem pelo Brasil, tendo sido acompanhado por um cortejo de atores brasileiros, que renderam as últimas homenagens a este incrível diretor teatral.

IV - A produtora: Ruth Escobar

Maria Ruth dos Santos Escobar, nascida em Campanhã, na região do Porto, em Portugal, a 31 de março de 1935, é uma atriz e produtora cultural luso-brasileira de projeção internacional. Aos 16 anos, a jovem Maria Ruth veio para o Brasil em companhia de sua mãe, buscando construir em terras de além-mar uma vida mais promissora. Ruth Escobar, nome que adotou artisticamente após seu casamento com o filósofo e dramaturgo brasileiro Carlos Escobar, começou sua carreira como jornalista, perambulando pelo mundo em busca de furos de reportagem que a colocassem nas primeiras páginas dos grandes jornais europeus.

Ao lado de seu marido intelectual, Ruth viajou por toda a Europa fazendo cursos de interpretação e tomando conhecimento do teatro produzido nas mais diferentes regiões do velho mundo. De volta ao Brasil, no início dos anos 60, depois de algumas

experiências sobre o palco como intérprete, conseguiu junto à colônia portuguesa residente no Brasil reunir alguns recursos que lhe permitiram erguer o Teatro Ruth Escobar.

A nova casa de espetáculos foi inaugurada em 1964 com *A Ópera dos Três Vinténs* de Bertolt Brecht, dirigida pelo encenador brasileiro José Renato. Preocupada em dar apoio à cultura popular, Ruth adaptou um ônibus, transformando-o em palco, para levar espetáculos à periferia de São Paulo - iniciativa que recebeu o nome de Teatro Popular Nacional.

A experiência sobre rodas perdurou até 1968, quando retornou aos palcos como atriz, encenando textos de relevante importância em sua própria casa de espetáculos no bairro da Bela Vista, em São Paulo. Foi nessa época que Ruth trouxe para o Brasil o diretor argentino Victor García, convidado para a montagem de *Cemitério de Automóveis*, adaptação do próprio Garcia para a obra de Fernando Arrabal.

Uma antiga garagem de funilaria e pintura, na Rua Treze de Maio, foi totalmente reformada para receber a encenação, reproduzindo os mesmos moldes da montagem estreada na França. O projeto destacou Ruth Escobar como atriz e produtora. Seu prestígio aumentou, em 1969, com a produção de *O Balcão* (motivo de estudo deste trabalho), de Jean Genet, encenada pelo mesmo Victor Garcia, arrebatando todos os prêmios importantes do ano.

A atriz e produtora Ruth Escobar, por conta das montagens que produziu, sempre esteve cercada das mais diversas polêmicas que transitavam entre a área religiosa (*Missã Leiga* – de Chico de Assis) ou a política, como aconteceu quando da encenação de *A Viagem*, adaptação cênica feita por Carlos Queiroz Telles, para o poema *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, dirigida por Celso Nunes, cuja estreia contou com a presença do primeiro ministro de Portugal, Marcelo Caetano.

Interessante observar que neste ano de 1972, eu ainda era estudante do Curso de Teatro da Escola de Comunicações e Artes e a convite do diretor Celso Nunes, ao lado de Francisco Medeiros, outro aluno do mesmo curso, desempenhamos as funções de assistentes de direção, trabalhando com um elenco multi-étnico de, aproximadamente, 98 atores. Hoje, 43 anos depois, posso

afirmar com absoluta certeza que foi uma experiência inesquecível e uma das mais marcantes de minha carreira.

Nos anos subsequentes, Ruth Escobar ficou à frente do *Centro Latino-Americano de Criatividade*, projeto abortado por falta de recursos, e centralizou no seu teatro importantes manifestações contra o regime militar, inclusive a fundação do *Comitê da Anistia Internacional*.

Em 1974, Ruth Escobar criou o *1º Festival Internacional de Teatro*, apresentando periodicamente em São Paulo o melhor da produção cênica mundial. Foi graças ao empenho dessa destemida portuguesa que o público brasileiro, pela primeira vez, pôde conhecer, entre outros, o trabalho de Bob Wilson (*Time and Life of Joseph Stalin*, que a censura obrigou a mudar para *Time and Life of David Clark*), a premiada montagem de *Yerma*, por Victor García, com Nuria Esper; além dos encenadores Andrei Serban e Jerzy Grotowski.

Mais duas edições do festival foram lançadas até que, nos anos 80, Ruth Escobar afastou-se parcialmente do teatro. Eleita deputada estadual para duas legislaturas, passou a dedicar-se a projetos comunitários de cunho artístico, entendendo ser a arte uma ferramenta pedagógica capaz de redimir o homem.

Em 1990, retornou aos palcos, numa encenação de Gerald Thomas, de *Relações Perigosas*, a partir da obra *Quartet*, de Heiner Müller. Entre 1994 e 1997, voltou a produzir festivais internacionais, com o nome *Festival Internacional de Artes Cênicas*. Em 1998 recebeu, do governo francês, a condecoração da Legião de Honra.

Em 2000, Ruth foi diagnosticada com a doença de Alzheimer.